



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

STANISLAW PONTE PRETA

Dois amigos e um chato

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Alfredina Nery

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



STANISLAW PONTE PRETA

Dois amigos e um chato

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Sérgio Porto usou o pseudônimo Stanislav Ponte Preta, emprestado a Oswald de Andrade de *Memórias de Serafim Ponte Grande*. Dizem seus estudiosos que, no livro de Oswald, teria encontrado também seu grande filão: a irreverência. Produziu uma obra carioquíssima, até hoje insuperável, transpondo para jornais, revistas e livros o saboroso coloquial do Rio de Janeiro. Criador de Tia Zulmira, Rosamundo e Primo Altamirando, foi com *Festival de Besteira que Assola o País — FEBEAPÁ*, lançado em plena vigência do regime militar de 1964, que ele alcançou seu grande sucesso. Irreverente, Stanislav afirmava ser difícil precisar o dia em que as besteiras começaram a assolar o Brasil. Era um mestre das comparações enfáticas: *Mais inchada do que cabeça de botafoguense, Mais suado do que o marcador de Pelé, Mais feia do que mudança de pobre, Mais murcho do que boca de velha*.

RESENHA

O livro reúne 39 crônicas que foram, originalmente, publicadas na imprensa entre 1950 e 1960. Muitas delas são verdadeiros clássicos da crônica de humor, de tal forma

que várias se incorporam ao repertório das piadas, como *Inferno Nacional, A velha contrabandista, À beira-mar*, etc. Os temas das crônicas são diversos, porém há um fio comum a todas: o descortinar de um cotidiano rico, contraditório, complexo, disfarçado na aparente simplicidade, retratado pela objetiva de um narrador astuto e sensível às pequenas grandes mazelas do viver em sociedade. Tudo isso encorpado por um trabalho singular de linguagem em que “o que é dito” se entrelaça ao “como é dito”, transbordando humor por todos os lados.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Stanislav faz desfilar aos olhos do leitor uma série de tipos humanos da vida urbana carioca (e brasileira) desvelando, com perspicácia e fino humor, as contradições, os anacrônicos costumes sociais, as pequenas perversidades cotidianas, as tensas relações do indivíduo comum, do governo com seus esquemas burocráticos.

Ler os textos do autor é sempre conhecer um pouco mais a alma humana, em geral, e a do brasileiro, em particular. Em *Dois amigos e um chato*, Stanislav mostra uma espécie de cum-

plicidade com suas personagens, pois sua perspectiva é tão comprometida com o outro, que é possível dizer que há nele uma crítica que compreende e uma compreensão que critica.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: crônica de humor

Palavras-chave: cotidiano, vida urbana, crítica política

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: jovem adulto

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. A ilustração da capa do livro, que emprega o traço próprio dos cartuns, já é um indicador do humor existente nas crônicas do volume. Verifique se seus alunos estabelecem essa relação.

2. O conhecimento das características da produção literária de um autor também ajuda a construir expectativas a respeito da temática de um livro. Stanislaw Ponte Preta notabilizou-se pela produção de crônicas de humor irreverente. Verifique se os alunos conhecem o autor e se apóiam nesse conhecimento para construir expectativas a respeito da temática do livro.

3. Proponha que os alunos folheiem o livro. Analisem a página de rosto e o sumário. Leiam as referências bibliográficas ao final e o item Autor e Obra. Discuta sobre a importância de se conhecer o contexto em que a obra foi produzida para ampliar a compreensão do texto.

4. Leia o sumário com os alunos e levantem hipóteses sobre os assuntos das crônicas, a partir da análise dos títulos.

- Localize os títulos que dão indicadores mais precisos do que será tratado, por exemplo: *O menino que chupou a bala errada*, em que o autor brinca com duas acepções da palavra “bala”: um doce e munição de arma de fogo. Questionar o grupo, antes da leitura da crônica propriamente dita, procurando saber: Em que circunstâncias seria possível um garoto chupar uma bala errada?

- Ainda trabalhando com o sumário, escolha títulos mais difíceis para a criação de expectativas sobre o conteúdo da obra, por exemplo, a crônica *Divisão*. Pode ser um texto sobre matemática? Uma divisória de parede? Um objeto que vai ser dividido? Um testamento de alguém para seus herdeiros? Faça com que os alunos soltem a imaginação e façam suas “apostas”.

Durante a leitura

1. Peça aos alunos que confrontem as hipóteses levantadas para as crônicas com a sequência narrativa elaborada por Stanislaw. Comente que comparar as hipóteses sugeridas pelo título com as escolhas do autor não é determinar o “certo” ou o “errado”, mas é trabalhar com possibilidades. O leitor lê, tendo em vista seus conhecimentos de mundo e sua experiência leitora, mas sua leitura apóia-se também nas pistas presentes no texto.

2. Proponha que todos leiam a crônica que dá título ao livro *Dois amigos e um chato*. Antecipe que a escolha dos nomes das personagens não é aleatória, para que observem como esse recurso concorre para a construção do humor.

3. Sugira que cada aluno leia as crônicas que quiser e que, depois, escolha uma para falar dela aos colegas.

4. Comente que é comum em livros que reúnem crônicas, contos, poemas adotar o título de um dos textos que integram o volume como título geral da obra. Peça que selecionem uma outra crônica que, na opinião deles, mereceria ser o título do livro.

Depois da leitura

◆ nas tramas do texto

1. Faça uma “roda da leitura” com toda a turma para conversar sobre as crônicas selecionadas. Sabemos que ampliamos nosso repertório textual também com a contribuição de outros leitores. Provavelmente, em outro momento, os alunos vão querer ler algumas crônicas do livro escolhidas pelos colegas.

2. Organize a turma em duplas ou trios e peça que escolham:

- uma das crônicas para explicar como o humor é construído. É possível que os alunos levantem como recurso: a quebra de expectativa, como em *Testemunha tranqüila*; o inusitado da situação, como em *Vai descer?!*; o jogo de palavras, como em *O leilão de Santo Antônio*; as escolhas lexicais, com em *Repórter policial*, etc.
- uma das seguintes crônicas: *Brasil, 2063*, *Do teatro de Mirinho*, *O milagre*, *Ladrões estilistas*, *Fábula de dois leões*, *Vamos acabar com esta folga*, *A ignorância ao alcance de todos*, *Panacéia indígena*, para explicitar sob qual perspectiva é feita a sátira social, a crítica ao governo ou à burocracia.
- uma das seguintes crônicas: *Pedro — o homem da flor*, *Zezinho e o Coronel*, *O sabiá do Almirante*, *O psicanalisado*, *Levantadores de copo*, para descrever alguns tipos humanos.
- uma das três crônicas: *À beira-mar*, *A velha contrabandista*, *Inferno Nacional*, para contá-la oralmente em forma de piada.

3. Discuta com a turma as crônicas *O suicídio de Rosamundo* e *Vai descer?!*, que têm como protagonista Rosamundo, um dos mais queridos personagens de Stanislaw. Provavelmente, na primeira crônica, os alunos se dividirão ao avaliar o comportamento de Rosamundo em relação à mulher amada. Muitos vão perceber a quebra de expectativa do final do texto e a sutil crítica ao governo. No segundo texto, a situação inusitada em que se mete Rosamundo é responsável pelo humor da crônica.

4. Cada profissão tem seu jeito próprio de usar a língua. Aproveite a crônica *Repórter policial* para discutir com os alunos este aspecto da variação lingüística. De acordo com o texto, o locutor esportivo tem uma língua especial, assim como o repórter policial. Analisar com os alunos o vocabulário específico da crônica policial, como “nosocômio” (hospital), “diligência” (investigação), “Mister X” (suspeito), “causídico” (advogado), etc.

5. A maneira como uma pessoa fala, permite que se construam algumas hipóteses sobre ela, por exemplo, de onde ela é, a que segmento social pertence, idade aproximada, etc. Na crônica *Latricério*, Latricério, porteiro do prédio do narrador-personagem, *tinha um linguajar difícil*. Ao longo do texto, o leitor vai conhecendo a forma muito singular que caracteriza a linguagem deste personagem, o que torna o texto engraçado, de um lado, e, de outro, permite perceber a profunda simpatia do narrador por Latricério: conviver com ele era um puro exercício de compreensão de linguagem. Refletir com os alunos como a questão das variedades lingüísticas é repleta de estereótipos e pode gerar muito preconceito.

6. A crônica *A garota-propaganda, coitadinha!* é uma sátira ao mundo da propaganda. Nesse texto há uma estreita relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, ou seja, o tema e a linguagem estão imbricados num mesmo tecido textual. Solicitar que os alunos levantem *slogans* e expressões relativas à publicidade para perceber os efeitos de sentidos obtidos com esses recursos.

7. As crônicas *Cartãozinho de Natal* e *Ano-Bom* subvertem alguns costumes sociais, olhando-os sob outra perspectiva: a primeira questiona o Natal como evento comercial, e a segunda critica a idéia de que o Ano Novo seja realmente renovador e não apenas mais um ano como os outros. Elabore uma lista com outras datas comemorativas e desafie os alunos a escrever uma crônica invertendo a lógica da comemoração. Organi-

ze depois uma publicação com estas produções cujo título poderia ser “Revisitação”.

8. Pesquisar em revistas e jornais charges ou tirinhas que façam crítica social. Trazer para a classe e chamar a atenção dos alunos para a força da imagem e do poder de síntese destes gêneros textuais. Organizar os alunos em grupos para que cada um escolha uma crônica do livro, transformando-a em outra linguagem: charge ou tirinha. Fazer um varal com estas produções.

9. Na crônica *Cartãozinho de Natal*, o narrador usa o provérbio *Malandro prevenido dorme de botina*, para finalizar o texto. Solicitar que os alunos leiam as crônicas *A vontade do falecido*, *Testemunha ocular*, *O boateiro* e atribuam possíveis provérbios a cada uma. Uma sugestão poderia ser: *Para esperto, esperteza e meia*, para a primeira; *Gato escaldado tem medo de água fria*, para a segunda; *Pau que nasce torto, morre torto*, para a terceira. Trabalhar com provérbios é uma boa oportunidade de recuperar parte do nosso patrimônio cultural.

10. A crônica é composta de apenas uma cena ou *flash* do cotidiano. Em geral, é usado o discurso direto, como forma de dar agilidade à narrativa. Assim, este gênero pode propiciar um bom trabalho de leitura em voz alta. Organize os alunos em grupos, para que façam leituras dramáticas das crônicas. Dê tempo para que haja ensaios, na busca de uma melhor expressividade, tendo em vista a audiência.

11. A crônica, como gênero híbrido entre jornalismo e literatura, tem seu espaço nos jornais e revistas, a partir de fatos noticiados ou de episódios do dia-a-dia. Organizar um mural com crônicas publicadas recentemente em jornais e revistas e estabelecer as conexões com o noticiário ou com o cotidiano.

◆ nas telas do cinema

Sábado, de Ugo Giorgetti, é uma crônica da cidade grande, em linguagem cinematográfica. A ação acontece em apenas um sábado, num velho edifício de São Paulo, e investiga o conflito entre classes sociais.

DICAS DE LEITURA

▶ do mesmo autor

Tia Zulmira e eu — Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

FEBEAPA vol. 1 — Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

FEBEAPA vol. 2 — Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

▶ sobre o mesmo gênero

A Borboleta Amarela — Rubem Braga, Rio de Janeiro, Record

As melhores crônicas — Fernando Sabino, Rio de Janeiro, Record

As comédias para se ler na escola — Luís Fernando Veríssimo, Rio de Janeiro, Objetiva

▶ leitura de desafio

A carta de Pero Vaz de Caminha — São Paulo, Moderna

A crônica, na sua origem, designava uma relação de acontecimentos numa seqüência cronológica. Assim, esteve relacionada aos registros dos feitos da humanidade, em especial da nobreza. É nesse sentido que se pode dizer que Pero Vaz de Caminha foi o primeiro cronista do Brasil, pois na carta para o rei D. Manuel retratou tanto o modo de vida dos índios como o cenário da nova terra.

Escolha trechos desta carta para ler com os alunos, selecionando os detalhes que registram os primeiros contatos entre indígenas e europeus.